

OUTRAS TOPOGRAFIAS: ENSAIO DE UM PEQUENO ATLAS COM ALGUMAS IMPRESSÕES

Camila Verena Fernandes Barbosa¹
Universidade do Estado de Santa Catarina
camilafernandes.b@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: educação; geografia; oficina; fotografia

RESUMO: *Outras topografias: ensaio de um (pequeno) atlas* é fruto do trabalho de oficinas realizadas com pacientes-internos do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis (HCTP). O *(pequeno) atlas* reúne os trabalhos gráficos produzidos nas oficinas ora como fotografia, ora desenho, sobre o ambiente do hospital, buscando observar não só aquilo que nos aparece prontamente, mas também aquilo que não é visível a olho nu, revelando, com essa atitude nos exercícios, uma *topografia das forças invisíveis* daquele lugar. Trazer à superfície as *forças invisíveis*, dar potência às vozes silenciadas pelo excesso de medicamentos, restrições, confinamentos, silêncios, grades...é o que buscamos.

OUTRAS TOPOGRAFIAS: ENSAIO DE UM PEQUENO ATLAS COM ALGUMAS IMPRESSÕES

“É a quarta vez que vou ao Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico da ilha. Atravessar aquele portão - que mais se parece com uma fortaleza - é como entrar num mundo falsamente conhecido por nossa pré-noção das pessoas, das instituições, dos padrões, das prisões...”

Passei a bolha. Atravessei o portão que estava quase fechando no momento da entrada de um carro. Eu vinha de ônibus, cheia de coisa, materiais, casaco de lã - o tempo estava bem instável; vinha cheia de pesos, mas também de levezas. Estava com medo, mas um medo estranho, bom de sentir. Tinha decidido não me fixar num modelo a seguir, já tinha sido guiada pela Ana sobre as transitoriedades que poderia acontecer ali dentro. Eu não deveria me assustar sobre decisões contrárias tomadas no mesmo instante por algum deles. A vontade passa, a vida passa. Não queria me engessar em um modelo de falar ou dar aula. Quis ficar livre para ser quem eu sou, mas sabendo o porquê eu estava ali e o que gostaria de alcançar. Meu maior objetivo era fazer com que aquele dia, em sessenta minutos de tempo, a vida deles fosse um pouco mais leve. Às vezes, pesa tanto que a gente inventa labirintos pra fugir do peso de ser quem somos. Vagamos.”

[Trecho retirado do caderno de campo da autora]

¹ Acadêmica do Curso de Geografia da FAED/UDESC, bolsista no “Programa de Extensão Bicho Geográfico: a extensão como dinamizadora da pesquisa e do ensino” e voluntária no Projeto de Pesquisa (PIBIC/UDESC) “O que pode a geografia e a cartografia: investigações e invenções em educação”, também vinculado a Rede Internacional “Imagens, Geografias e Educação” conforme site www.geoimagens.net Polo SC sob orientação da Professora Ana Maria Hoepers Preve.

Estava ali, novamente, e agora precisava mostrar a eles o que eu estava querendo fazer naquele lugar. Bem, na verdade, eles não sabiam que eu também haveria de descobrir isso no caminho... embora tivesse um projeto, as ferramentas na mão e uma ideia na cabeça. Mas todos os começos em locais desconhecidos são assim, permeados por esse estado *parece que não sei fazer nada, parece que não sei começar...* foi assim que comecei.

Outras topografias: ensaio de um pequeno atlas com algumas impressões é resultado – mas, não por isso sinaliza um fim, pois resulta em outros caminhos que se entrelaçam com uma teia – de investigações sobre o pensamento geográfico e as articulações espaciais dos pacientes-internos que, enquanto estudante de licenciatura em Geografia, realizo dentro do Programa Bicho Geográfico: a extensão como dinamizadora da pesquisa e do ensino, sob a coordenação da Prof. Dra. Ana Maria Hoepers Preve.

O Programa Bicho Geográfico é composto por três ações diferentes, a saber: cinema, oficinas e rodas de conversa. Estas ações vêm acontecendo de forma regular com pacientes internos do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis/SC, o HCTP. Os encontros são de uma hora semanal, realizados geralmente no refeitório do hospital, que se transforma em sala de aula para a *oficina* acontecer. As aulas assumem o formato de *oficina*, de caráter prático (um saber que passa pelo fazer), onde os pacientes podem desenvolver o conhecimento sobre a temática trabalhada a partir de exercícios propostos. As oficinas atravessam temáticas das mais diversas, mas sempre entrelaçadas com o viés geográfico.

A Geografia ora está presente como um conceito (lugar, mapa, energia, montanha, etc.) a ser desvendado por eles, ora está no centro do debate: *Geografia é o quê professora?* Pergunta um deles no início da aula. Assim acredito que, para as práticas realizadas, a forma de lidar com as aprendizagens alicerçadas na proposta de oficinas é essencial ao desenvolvimento do ensino/aprendizagem com os pacientes-internos do HCTP. São as realidades possíveis dentro de uma oficina, tais como: participar das atividades da aula e prestar atenção às experiências particulares de cada aluno; poder praticar o saber geográfico sem hierarquia de conhecimento, gerando possibilidade de diálogo entre o saber geográfico universitário e os saberes dos pacientes; aproximar o *saber* do *fazer*; dar espaço para que os saberes de cada paciente sejam aflorados; enfim, as oficinas são carregadas de liberdade, no sentido de *libertação do pensar*, o que atraiu bastante os pacientes.

A frequência nas aulas foi aumentando, e isso também me estimulou a estar em atividade no espaço. Afinal, a troca entre os participantes da oficina é fundamental para o desenvolvimento do ensino/aprendizagem, pois somos tão alunos quanto mais praticamos as aprendizagens. O programa de extensão cumpre um papel fundamental neste sentido, no processo de desenvolvimento do ensino/aprendizagem, pois permite a aproximação do saber universitário com os saberes dos pacientes de um Hospital Psiquiátrico, além de acrescentar significados ao dia a dia destes pacientes, ao possibilitar um espaço de interação com o ambiente dentro da rotina do hospital e por sua vez, ao fazer isso, resignifica e amplia o saber geográfico acadêmico sobre tudo no uso que faz das imagens.

Para dar suporte ao trabalho no HCTP, utilizo a *fotografia* como ferramenta base na realização das dinâmicas de cada oficina. Esta aparece de diversas formas, ora como máquina fotográfica digital ou um *retângulo feito de papel* para imaginarmos um enquadramento, ou como *movimento corporal* explorando uma fotografia e ao mesmo tempo os espaços, um conceito e um movimento do pensamento, um limite e uma possibilidade, dadas as condições em que eles se encontram... e por aí vai. A fotografia é vista no decorrer do trabalho como forma *criadora* de conhecimento, visando um enfoque que se distancia do uso comum desta apenas como imagem ilustrativa de algum conteúdo ou mesmo de sua função didática. Aqui, a fotografia ganha *força-motora* para gerar conhecimentos e saberes sobre o espaço geográfico:

Desta forma, as linguagens não aparecem nestes trabalhos com o sentido de comunicação unicamente, mas, sobretudo, com o sentido de criação, de produtoras da realidade ou de realidades, sendo que esta(s) realidade(s) pode(m) ser tomada(s) como teórica(s), positiva(s) ou narrativa(s).” (OLIVEIRA JR.; GIRARDI, Gisele. 2011. p. 4)

A fotografia geralmente é compreendida como uma representação fiel da realidade, vista como um dos documentos mais verdadeiros sobre o que existe e pode ser comprovado. Todos os elementos que estão na foto ganham uma força de verdade muito grande, pois eles expõem a realidade material. No entanto, o que busco nas oficinas, é observar os movimentos que compõe uma fotografia. Movimentos que aparece tanto o que foi escolhido ser mostrado quanto o que se decidiu esconder, por fora e para além do quadro. Considerando que a fotografia é a realidade que aparece frente à câmera, quando damos o *click*, em uma fração de segundo, congelamos a realidade material – e imaterial – e os movimentos que a compõe. Por isso, é através da observação cautelosa sobre as fotografias dos pacientes-internos realizadas durante as oficinas, que busco compreender os movimentos que as compõe, pois para quem busca compreender uma realidade diferente da que vive, tais fotografias se tornam a chave principal da busca.

Um dos objetivos das oficinas no HCTP é trabalhar o olhar sobre o ambiente em que vivemos, através do exercício fotográfico e uso das imagens como ferramenta para caracterizar e pensar sobre nossos ambientes, buscando observar não só aquilo que nos aparece prontamente, mas também aquilo que não é visível a olho nu, revelando, com essa atitude nos exercícios, uma *topografia das forças invisíveis*. Nesta busca pelas *forças invisíveis* dentro do hospital, ou seja, pelo pensamento e articulação espaciais dos pacientes-internos, vou descobrindo como a fotografia consegue retirar o peso da materialidade das grades que incide sobre eles e nos revela outras forças possíveis dentro de cada um deles; são forças de imaginação, adaptação, reação, força de quem está vivo e empreende movimentos naquele micro mundo... reação às grades do pensamento, às grades que aprisionam os corpos.

Devido à abertura que a oficina propicia ao processo de ensino/aprendizagem, possibilitando um *ambiente de educação* voltado para experimentação de novos saberes, diferentemente do *ambiente de escolarização*, cuja principal foco é a transição de informação como objetivo fundamental, é gerado saberes que se desenvolvem neste espaço aberto aos diversos saberes existentes e aflorados no momento da oficina. Durante o desenrolar das oficinas surgem muitas conversas, ideias, desenhos, mapas,

intervenções, movimentos, fotografias, etc., que também se tornam uma *força-motora*, geradora de saberes:

Na oficina, quer-se experimentar uma questão, um conceito, uma noção. É nesse aspecto que ela não se pauta nas referências escolarizantes, cuja ênfase recai sobre o repasse de informação. No caso da geografia escolar, a força está centrada na transmissão de informação sobre o espaço. (PREVE, ANA. 2013. p. 258)

As oficinas são apoiadas em diversos elementos, que estão com a – e além da – câmera fotográfica, utilizados para estimular, divertir e tornar eficaz – cada vez mais – os processos de aprendizagens. Um dos elementos que trabalhamos é o *livro* de atividade, que reúne o que produzimos nos encontros dentro do HCTP, durante o ano de 2015. O *livro*, o qual me refiro, é o que - posteriormente - foi tomando a forma de um pequeno *atlas*. Um *atlas* tal como conhecemos é um conjunto de mapas ou cartas geográficas e, neste trabalho, é apresentado com um conjunto de *imagens-mapa* que aparecem ora como fotografia, ora desenho, desenvolvidas ao longo dos encontros e que revelam para nós tanto os pensamentos geográficos, quanto as articulações espaciais que os pacientes estabelecem com o hospital, possibilitando conhecermos o território que eles ocupam dentro daquele lugar. Diríamos que nos apresentam *outras topografias*, aquelas que estão recobertas pelas forças que as *topografias dos visíveis* exercem sobre qualquer um de nós. O projeto *Outras Topografias* vai se compondo nesses exercícios e ganhando dimensões. Nesse sentido é preciso que os exercícios propostos pelo oficinairo estejam voltados a isso, a fazer aparecer, a trazer à superfície o que não tem tido a chance de aparecer, mas que é tão visível quanto a materialidade das grades, naquele contexto. Desta maneira, conseguimos trazer para mais perto da universidade os saberes destas pessoas que compõe a nossa sociedade e fazem parte de um território, muitas vezes, invisível. Com essas *outras topografias* tensionamos na universidade as forças que os visíveis ocupam nas descrições de paisagens. Nesse sentido esse trabalho se liga fortemente ao que Danilo Stank Ribeiro (2015) desenvolveu em seu Trabalho de Conclusão de Curso sobre as Geografias de Experiência, como fazer ver através de uma série de exercícios paisagens invisíveis com alunos do Curso de Geografia das universidades e das escolas públicas.

Ana Preve (2012) clarifica a ideia das *imagens-mapa* que compõe o pequeno atlas do HCTP, no mesmo sentido que a experimentamos nas oficinas as imagens, as quais podem traduzir-se como mapas que nos revelem o território vivido pelos pacientes, suas recordações e pensamentos, desejos e insatisfações, esperanças e desesperos:

Na imagem consolidada – que associa geografia a mapas, e mapas àquela imagem única que dá conta de representar o território –, reunimos elementos que nos permitiram pensar em aspectos distintos da representação por mapas, estes tomados apenas como representação de extensões físicas. Nesses fazeres, torna-se também perceptível a ideia de mapa, cuidadosamente conservada, – de linhas e cores, de cálculos matemáticos, tamanhos, distâncias, escalas, e bases de dados – que determinam a imagem do território, tomando o lugar de outras possibilidades com os mapas. No trabalho que empreendi, trata-se de atualizar potências nessas imagens consolidadas. As noções de mapa e de território foram colocadas em relação a outras que surgiram num contexto específico e funcionaram sem almejar a representação e as referências fixas. Nessa atualização configuraram-se outros territórios. (PREVE, 2012, p. 53)

A fotografia foi muito bem aceita pelos pacientes do HCTP e as atividades com a *câmera fotográfica* sempre muito apreciada. O desejo de registrar, marcar um lugar naquele espaço é forte. Aos poucos vou percebendo como eles se relacionam com o próprio HCTP. No começo das atividades, iniciadas no mês de maio de 2015, o que mais ouvia era: *quero sair daqui; preciso sair daqui*. As vozes ecoavam firmes no ouvido. Ainda continuo escutando essas falas durante alguns intervalos de conversa, mas agora, no mês de outubro, escuto mais sobre as outras visões que eles tem sobre o lugar que vivem. Era isso que eu buscava. Mas isso não anula aquelas vozes sempre presentes; *eu preciso sair daqui*. As composições se dão entre querer sair e ter que olhar de outro modo, aliás, precisar fazer o espaço de outro modo: espaços produzidos por forças da necessidade de torná-lo, de alguma forma, habitável. Trazer à superfície as *forças invisíveis* daquele lugar, dar potência às vozes silenciadas pelo excesso de medicamentos, restrições, confinamentos, grades, etc. As vozes ainda estão ali. Dentro deles. Trabalhar em torno de práticas para ativá-las será o grande norteador destas oficinas. E, assim, continuarei. Muitas vezes escutar não necessita de ouvidos. É preciso observar com atenção os detalhes.

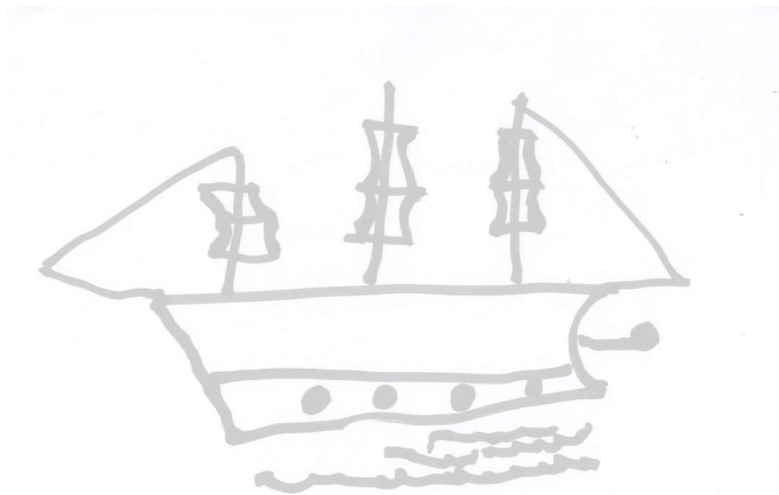
Os detalhes das imagens que aqui denominamos como *imagens-mapas* são marcas reveladoras do lugar que os pacientes-internos habitam, dentro ou fora do HCTP. As imagens nos instigam a pensar sobre os sentimentos que os movem, pois como diz Roland Barthes (2012, p. 51): “um detalhe conquista toda a minha leitura; trata-se de uma mutação viva de meu interesse, de uma fulguração. Pela marca de *alguma* coisa, a foto não é mais *qualquer*. Esse *alguma coisa* deu um *estalo*, provocou em mim um pequeno abalo, um *satori*, a passagem de um vazio (pouco importa que o referente seja irrisório)”. Então, sugiro a você que entregue seu olhar às imagens para além da materialidade concreta que elas evidenciam, mas, sim, para *junto* com esta materialidade, buscar os significados que elas traduzem.

Um pequeno atlas

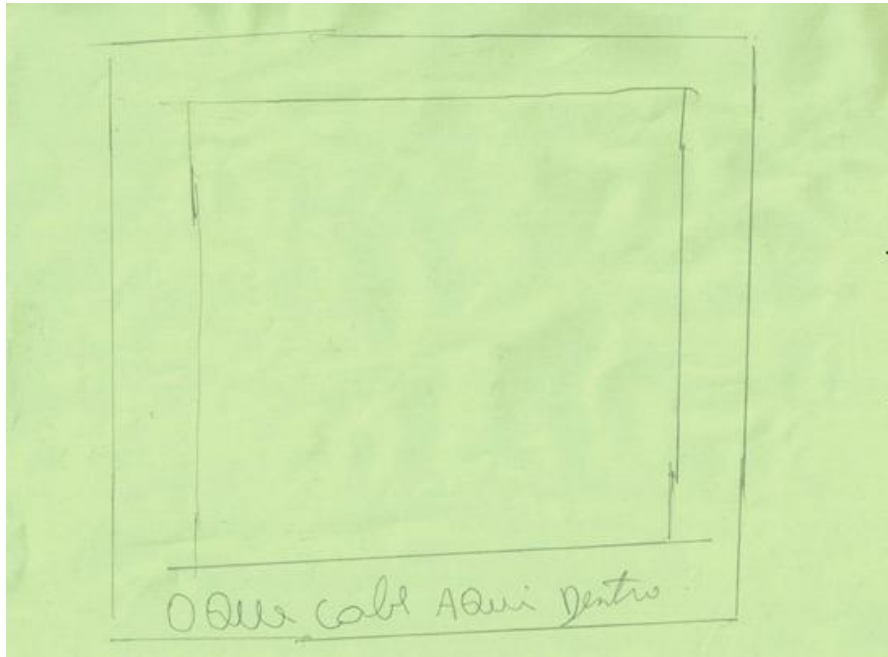
Um atlas, por definição do IBGE é um conjunto de mapas ou cartas geográficas, que reúne dados sobre um determinado assunto, sistematicamente organizados. Neste trabalho, onde aqui apresento uma parte deste *pequeno atlas* desenvolvido com os pacientes-internos, vamos descobrir outra definição de atlas, muito mais próxima da concepção de Borges (2012):

O que era um atlas para nós, Borges? Um pretexto para tramar na urdidura do tempo nossos sonhos feitos da alma do mundo. Antes de uma viagem, os olhos fechados, unidas as mãos, abríamos ao acaso o atlas e deixávamos que as gemas de nosso dedos adivinhassem o impossível, a aspereza das montanhas, a higidez do mar, a mágica produção das ilhas. A realidade era um palimpsesto da literatura, da arte e das recordações de nossa infância, tão semelhante em sua solidão. (BORGES, Jorge Luiz. 2012, p.133)

Aqui também ele é um pretexto para tramar uma sequência de trabalhos gráficos (como desenhos, colagens, fotos...) trazendo à superfície as forças que sacodem esses homens medicalizados e trancados pelas grades. Os trabalhos gráficos que foram produzidos durante as oficinas, ora como foto, ora desenho, são entendidos como as *imagens-mapa* que compõe o atlas, são elas que dão forma e significado ao nosso ensaio de um pequeno atlas. Aqui estão apenas sete *imagens-mapa* do pequeno atlas, com os nomes dos autores riscados para cumprir com a manutenção do sigilo no trabalho desenvolvido, por ser uma regra daquele espaço. Nestas *imagens-mapa*, em especial, há um toque da autora nos *títulos*, ora dando voz, ora respeitando o silêncio que nelas habitam, pois como participante ativa do processo de aprendizagem realizado no HCTP, a autora também é provocada a pensar sobre o trabalho construído.



[Mapa I: “Não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar...”]



[Mapa II: O que cabe aqui dentro?]

O *Mapa II* foi feito por um paciente-interno durante uma dinâmica e detinha o mesmo nome escrito na folha: *O que cabe aqui dentro?* Esta era a pergunta a ser respondida por eles através de uma imagem, uma fotografia. Nas mãos, eles tinham um *retângulo de papel*, feito com cartolina preta, e utilizaram-no como um enquadramento de câmera fotográfica. A atividade era realizar uma fotografia pensando sobre: *Qual imagem você gostaria de guardar do HCTP?* Trabalhamos nessa dinâmica com a noção de *cenário/fundo* da fotografia como o espaço geográfico e os elementos materiais e imateriais que o compõe e, o *enquadramento* fotográfico como aquilo que a imagem nos revela, pensando sobre o que queremos colocar dentro do quadro da foto e também o que deixamos de mostrar, o que excluímos da foto. A ideia também era brincar com o próprio exercício fotográfico, buscando diversas possibilidades de ângulos, composições e criações, gerando, assim, diversas leituras, questionamentos e experiências entre os participantes. O resultado destas brincadeiras fotográficas são as *imagens-mapa* do pequeno atlas do hospital que nos revelam aqueles detalhes importantes do lugar. Aquelas *outras topografias...*

Cumprindo com o objetivo de ampliar a nossa forma de ver o mundo, de continuar dialogando com os diferentes mundos existentes nesse universo... pois como diz GODOY (2013, p. 221) “[a] possibilidade de um outro mundo nunca ocultou os outros do mundo, invisíveis e incalculáveis, com os quais ela [a geografia] não acaba de se haver, cabendo-lhe decidir, a cada vez, se os subjugará, se obstruirá sua passagem ou se com eles fará potentes alianças, aquelas que mudarão completamente a natureza de nossas práticas”. Portanto, pode-se dizer que são os outros mundos que todo [o] mundo comporta, mas é preciso investir neles para que possamos perceber a existência deles, desses mundos que inventamos [dentro do mundo] para tornar a vida possível e os espaços habitáveis. Esses mundos têm como materialidade os afetos.



[Mapa III: Sem título]

*“De tudo, ficaram três coisas:
A certeza de que estamos sempre começando;
A certeza de que é preciso continuar;
A certeza de que seremos interrompidos antes de terminar;
Portanto, devemos fazer da interrupção um caminho novo,
da queda um passo de dança,
do medo uma escada,
do sonho uma ponte,
da procura um encontro.”*

Fernando Sabino



[*Mapa IV: A vida passa*]



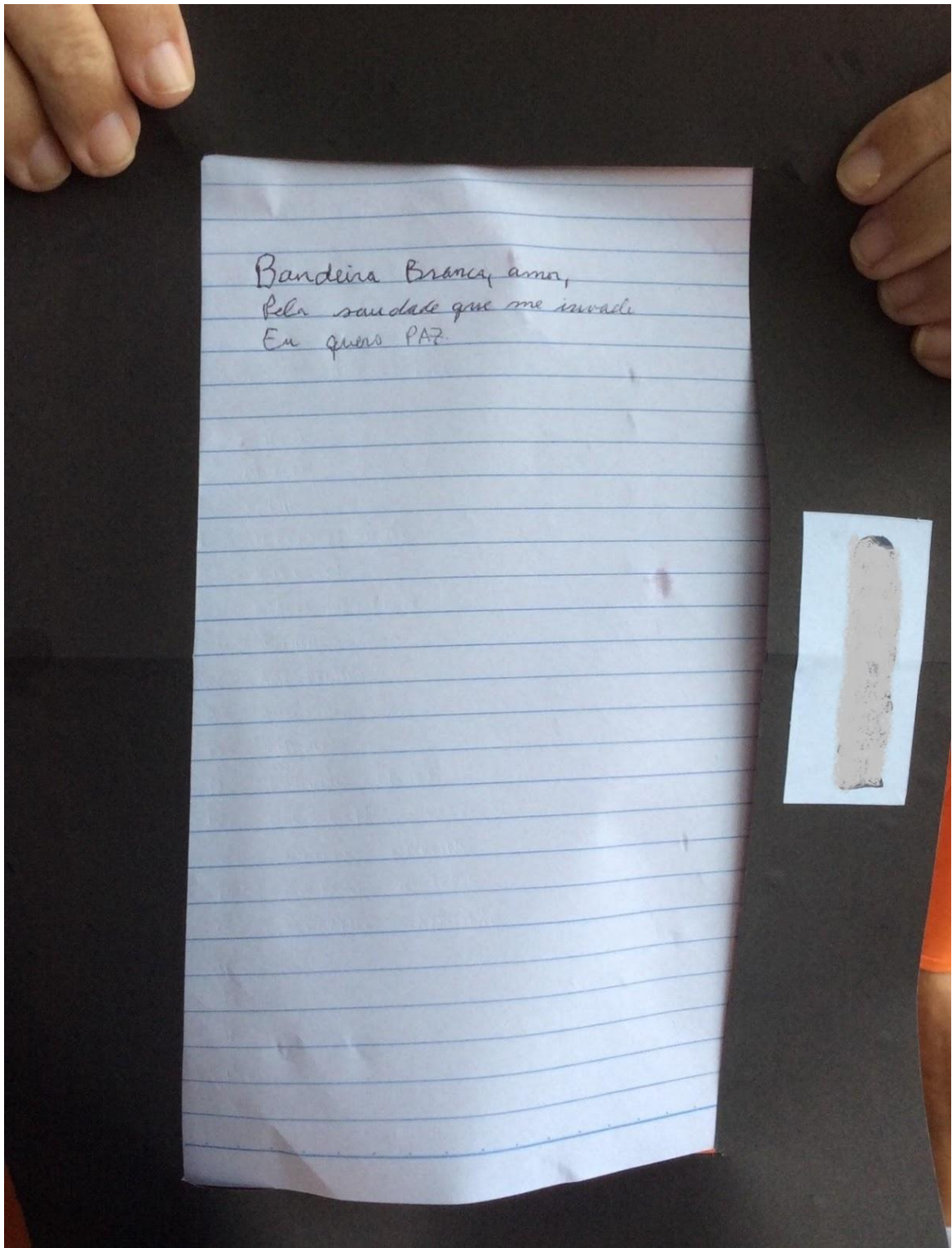
[*Mapa V: A lembrança guarda*]



[Mapa VI: Sem título]

*“Quem empreender longínquas jornadas
[verá muitas coisas
Distantes daquilo que considera a Verdade.
E, ao relatá-las, chegando em casa,
Será muitas vezes desacreditado,
Pois os empedernidos não acreditarão
Naquilo que não vêem ou sentem distinta-
[mente.
A inexperiência, creio,
Pouco crédito dará a meus versos”.*

(HERMANN, Hesse. 1970. p. 7)



[Mapa VII: Sem título. O texto escrito na folha diz: “Bandeira branca, amor, / Pela saudade que me invade / Eu quero PAZ”]

Ponto. Ponto de partida. Este é o começo por onde o encontro foi possível, uma primeira ancoragem neste lugar para pensar sobre o que acontece ali dentro. Começo assim, sem

saber muito desse fazer, com papéis e uma câmera na mão vou fortalecendo o encontro com os pacientes-internos e o espaço que ocupam. As imagens mostram as marcas que eles têm do hospital. As marcas que enxergamos nas imagens externas a eles é o reflexo das marcas de dentro, assim como funciona o espelho da câmera – acoplado ao corpo da câmera – e a realidade captada. E com isso sigo, para pensar sobre o que está se passando daquilo que estamos fazendo, dos lugares novos que viemos a habitar dentro dos movimentos das oficinas. Há algo que move sem ter forma precisa, e é a vontade de ir adiante, mesmo sem entender porque...sem saber por onde. O trabalho continua para os lados totalmente a ver com esse começar, pois essas linhas tênues tem dado chance às construções de um território para o nosso trabalho com eles. Uma vez que cartografar esses mapas (que compõem o *pequeno atlas*) é habitar territórios, sejam eles existenciais ou não:

“O aprendiz-cartógrafo, numa abertura engajada e afetiva ao território existencial, penetra esse campo numa perspectiva de composição e conjugação de forças. Constrói-se o conhecimento com e não sobre o campo pesquisado. Estar ao lado sem medo de perder tempo, se permitindo encontrar o que não se procurava ou mesmo ser encontrado pelo acontecimento.” (ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. 2009. p. 137)

Todo mapa tem sua cartografia, como se esquecer disso? E a cartografia aqui são os processos pelos quais ou através dos quais esses mapas são gerados.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In. orgs. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade - Porto Alegre: Sulina, 2009. 207 p.**

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre fotografia**. Tradução Julio Castañon Guimarães – [Ed. especial]. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BORGES, Jorge Luis e Kodama, Maria. **Atlas**. (Tradução: Heloisa Jahn) São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GODOY, Ana. Mídia, Imagens, Espaço: Notas sobre uma poética e uma política como dramatização geográfica. In CAZETTA, V. e OLIVEIRA Jr. W. (orgs.) **Grafias do Espaço: imagens da educação geográfica contemporânea. Campinas, SP: Editora Alínea, 2013.**

GUIMARÃES, Anabê P. e PREVE, ANA M. H. Fotografias em fuga na/da Geografia Escolar – transfigurando vazios escolares. **Linha Mestra**, n.23. Ago/Dez 2013. Pgs. 56-71.

HERMANN, HESSE. **Viagem ao Oriente**. Tradução de Lêda Maria Gonçalves Maia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de; GIRARDI, Gisele. Diferentes linguagens no ensino de geografia. In: XI Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia. Goiânia, 2011. **Anais do XI ENPEG**, Goiânia, 2011, v. 1, p. 1-9.

PREVE, Ana Maria Hoepers. Cartografias intensivas: notas para uma educação em geografia. **Revista Geógrafares**, n°12, p.50-75, Julho/2012.

PREVE, Ana Maria Hoepers. Mapas, prisão e fugas: cartografias intensivas em educação. (**Tese de Doutorado**). Faculdade de Educação, UNICAMP, 2010

RIBEIRO, Danilo Stank. **Geografia experimental do corpo. 2015. 95 p. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)** - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Graduação em Geografia, Florianópolis, 2015.

<http://www.cifraclub.com.br/paulinho-da-viola/timoneiro/>

<http://atlascolar.ibge.gov.br/conceitos-gerais/o-que-e-um-atlas-geografico.html>